

COTIDIANO E ESCRAVIDÃO NA CIDADE DE ITAMBÉ ENTRE 1871-1888

Rosildo Henrique da Silva *

RESUMO

Este artigo irá discutir as características políticas sociais e culturais da cidade de Itambé em Pernambuco no século XIX e o seu cotidiano, dando enfoque a realidade da escravidão e como os escravizados agiam nesta cidade a partir do uso de processos judiciais e jornais. Será relatada, neste trabalho, uma nova historiografia sobre a escravidão tomando como base os historiadores a partir dos anos 80 como por exemplo Sidney Chalhoub, Robert Slenes, Hebe Matos, João José Reis e outros. O período pesquisado abrange os anos de 1871 a 1888, evidenciando a luta dos escravizados pela sua liberdade.

INTRODUÇÃO

Neste artigo a finalidade é de investigar o cotidiano da escravidão em Itambé e mostrar as características políticas e socioculturais desta cidade. A cidade de Itambé está localizada em Pernambuco e faz parte da zona da Mata Norte e tem divisa com a Paraíba através da cidade de Pedras de Fogo. Itambé originou-se em um sítio chamado Desterro, este nome foi devido a devoção do General André Vidal de Negreiros que construiu no século XVII uma capela a nossa senhora do desterro no seu engenho, inicialmente este pertencia à cidade de Goiana.

A capela do Desterro foi abandonada e hoje está em ruínas, e precisou ser transferida para a Igreja dedicada a Santo Antônio ficando a uma distância de cinco quilômetros.[1] A população neste período confundia~~m~~ Itambé com Pedras de Fogo, ficando difícil por vezes separar a Paraíba de Pernambuco, pois não existia um marco divisor. Como destaca Leal, (1989, apud Cavalcanti,1993, p. 23)

---

* Mestrando pela Universidade Católica de Pernambuco

1 ver GALVÃO, Sebastião de Vasconcellos, Dicionário Corográfico, Histórico e Estatístico de Pernambuco, organização e estudos introdutório Leonardo Dantas Silva, 2ª ed, Recife: CEPE, 2006. P. 333

> Acha-se o limite com a província de Pernambuco confuso e inconveniente mente designado. O limite de pedras de fogo como Pernambuco é cortado por uma linha divisória muito contestada, servido outrora de lite a estrada geral que, em consequência da mudança de transito, muda-se também o traçado da estado era, pretendendo a província de Pernambuco acompanhar essa circunstância acidental que muito lhe aproveitar. Parece-me que o bom direito se acha ao lado da Paraíba, apesar de que na secretaria do governo e nos arquivos existentes não há nenhum esclarecimento que possa perfeitamente orientar na questão. (CAVALCANTI, 1993, p. 23)

Também neste período há uma discussão no meio político na cidade do Recife sobre a situação divisória de Itambé e Pedras de Fogo, a cidade estavam tão conurbadas que os represente políticos de Pernambuco solicitaram que escolhessem se Itambé e Pedras de Fogo iria ficar na Paraíba ou Pernambuco.

Itambé no século XIX era uma área maior do que conhecemos hoje, era composto por Camutanga, Ferreiros e também por Timbaúba. Ao falarmos sobre Itambé estamos nos referindo a esta grande área. O nome Itambé significa na língua indígena pedra afiada ou pedras de fogo. Por isso no início da cidade houve tanta confusão. Nos documentos encontrados no Memorial de Justiça de Pernambuco referente as Ações de Liberdade no nos de 1871 a 1888, deixou-nos claro, que os engenhos pertencentes ao território de Itambé era denominado vila de Pedras de Fogo.

Discutir a cidade de Itambé é evidenciar os vários engenhos e seus escravizados, este trabalho vai discutir um período que vai do ano de 1871 a 1888. Os escravizados neste período acima citado, estavam submetidos a transações comerciais, sendo, com isso, comprados e vendidos, e mesmo assim em 1873 a população cativa aumentou quase 4.076 escravizados em Itambé como mostra o quadro baseado nas informações de Brusantin,

EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO ESCRAVA NOS MUNICIPIO ABAIXO CITADO ENTRE OS ANOS DE 1858 A 1887

Município	**1858**	**1873**	**1876**	**1887**
Goiana	2168	3627	3170	1624
Nazareth	4487	6545	5682	3196
Pau d´Alho	952	3915	3180	1422
Itambé	2366	4076	3543	817
Cabo	2488	4294	3561	1898
Vitoria	1363	3478	3121	1759
Rio formoso	3034	5047	2191	1124
Escada	-	6450	4485	3330
Palmares	1838	4192	3361	1083

No quadro supracitado, observamos que em Itambé houve um ápice da população escravizado nos anos de 1873, após este período houve um declínio da população cativa, chegando em 1887, próximo a abolição, com 817 escravizados.

Vários fatores podem ter levado a queda da população dos escravizados em Itambé, como por exemplo o fim do tráfico negreiro em 1850 e o início do tráfico interprovincial, neste caso, principalmente os cativos da região nordeste que foram vendidos para as áreas cafeeira do sudeste. Um dos fatores da diminuição dos cativos foram também as grandes secas e epidemias que ocorreram no século XIX, levando muitos escravos a morte.

Este trabalho de pesquisa focaliza as ações de liberdade dos escravizados na cidade de Itambé, examinando como os cativos usavam de estratégias e recursos da lei para conseguirem sua liberdade. É importante salientar que eles não ficaram passivos diante da sua realidade, mas muitos deles tentaram até o fim sua liberdade. Nestas ações eram escolhidos os curadores para os defenderem, porém não era fácil conseguir um curador, principalmente em locais distantes do centro político e econômico do Império,

como diz Grinberg “sem um curador, a ação não prossegue. Mas não devia ser nada fácil conseguir um.” (GRINBERG,1994,p.64).

Nos baseamos em historiadores E.P. Thompson e Michel de Certeau, o primeiro evidenciando a participação da classe marginalizado na luta pela sua libertação, neste caso eram os escravizados. Os ideais de Thompson levou muitos historiadores a revisitar os documentos e observar nas entrelinhas onde as classes dominadas, aquelas vistas como de baixo, agiam por meio de diversas estratégias, além de evidenciar as experiências da massa da população. O segundo historiador Michel de Certeau no seu livro “A Invenção do Cotidiano” leva-nos a refletir sobre as estratégias e táticas do homem ordinário. Ele mostra como a classe dominada subverte as ações e obrigações da classe dominante e modifica-as em seu proveito. Assim da mesma forma ocorreria com os escravizados, classe dominada, em que utilizavam de estratégias para modificar seu ambiente em proveito próprio.

A cidade de Itambé desde o início do século XIX estava agitada por vários acontecimentos que começavam na capital Pernambucana e irradiavam-se para o interior como por exemplo a revolução de 1817, onde havia várias discussões de caráter revolucionário com a presença dos Maçons, estes participavam do Areópago de Itambé que era um ambiente de consciência política revolucionária, o Areópago foi fundado pelo padre Antônio Arruda Câmara no século XVIII. Outra revolta que ocorreu na cidade foi a do quebra-quilos[3] que aconteceu no ano de 1874, onde os revoltosos invadiram a feira da cidade e quebraram os pesos e medidas, além de fazerem o mesmo com a câmara municipal e a coletoria, foram em média de trezentos a quatrocentas pessoas e estavam armados de cacetes e facas (SOUTO MAIOR, 1978, p. 104). A revolta iniciou-se na Paraíba e se espalhou por Pernambuco, principalmente nas cidades que fazem divisa entre os dois Estados, neste caso, inclui-se a cidade de Itambé, neste momento foram deslocados vários soldados para defenderem a cidade.

O senhor de Engenho Lages Virgínio Horácio de Freitas foi acusado de participar e instigar a revolta do Quebra quilos, por isso foi preso e levado para a cadeia do Recife, entretanto, ele desmente esta acusação e diz que foi armação do promotor e Juiz de Itambé. Nesta revolta, de fato, houve a participação de alguns senhores de engenho devido principalmente à crise do açúcar que estava neste período, acarretando perdas financeiras enormes para os proprietários de engenho da região.

Há uma discussão na historiografia se houve participação dos escravizados na revolta do Quebra quilos, pois os cativos aproveitavam da situação de crise e das revoltas para fugirem ou aderirem ao movimento.

Na pesquisa do Historiador Luciano Mendonça Lima, ele discute, na sua dissertação, a participação dos escravizados no movimento dos quebra-quilos na cidade de Campina Grande, segundo Brusantin

---

3 Esta revolta teve seu palco no nordeste brasileiro, iniciando nas feiras livre de várias cidades. Na Paraíba teve início na cidade de Ingá e se expandiu para Pernambuco, eles estavam querendo abolir o sistema de peso e medidas impostos pelo governo.

> Lima coloca que os escravos que aproveitaram da movimentação do quebra-quilos e organizaram um insurreição lutaram contra os efeitos perverso advindos do rearranjo das atividades econômicas locais, em particular o cultivo do algodão". (BRUSANTIN, 2011, P. 163).

Entretanto na pesquisa em Itambé realizada por Beatriz Brusantin não se consegue identificar a relação do quebra-quilos e a participação de cativos, e sim uma participação ativa de feirantes e sitiantes.

O cotidiano da cidade de Itambé estava repleta de ações da classe dominante senhorial, onde estes agiam através do poder político e econômico. O centro do poder econômico dos senhores eram os engenhos, estes produziam açúcar para o mercado nacional e internacional isso especialmente para o século XVIII. O açúcar no século XIX começou a ter concorrência de outros tipos de açúcar, como o de beterraba que chegou ao mercado Europeu com os preços mais barato e levando o açúcar brasileiro a ter enormes perdas, principalmente o mercado da Inglaterra, todavia houve outras concorrências, neste caso com o açúcar do caribe.[4] Na cidade de Itambé a atividade agrícola principal era a cana de açúcar com uma diversidades de engenhos que são eles: Boa Vista, Cana Brava, Cachoeira, Gameleira, Gloria, Horta, Jardim, Lages, Monge,Meirim, Muzumbo, Olho d'Agua, Pangaua, Pau Amarelo, Preá ou Pruá, São Sebastião etc.[5] todos estes engenhos existiam trabalhadores escravizados para fazer funcionar a engrenagem do engenho.

Segundo Brusantin, citando um relatório do presidente da câmara de Itambé " [...]mas em uma conta de 76 engenhos moentes e corrente existem na comarca e tendo

cada uma média de 12 escravos., calculando cerca de 710 escravos.” (BRUSANTIN, 2011, p. 54)

---

4 ver EISENBERG, Peter L. *Modernização sem mudança*: a indústria açucareira em Pernambuco, 1840-1910, tradução de João Maia , Rio de Janeiro, Paz e Terra, campinas, 1977, também ANDRADE, Manuel Correia de, *A Terra e o Homem no Nordeste,* Brasiliense, 3ª ed. Ver, São Paulo, 1973

5 ver GALVÃO, Sebastião de Vasconcellos, *Dicionário Corográfico, Histórico e Estatístico de Pernambuco, organização e estudos introdutório* Leonardo Dantas Silva, 2ª ed, Recife: CEPE, 2006. P. 337, também o *Almanak Administrativo, Mercantil, Industrial e Agrícola*(PE) 1869 a 1887 p. 27)

6 ver EISENBERG, Peter L. *Modernização sem mudança*: a indústria açucareira em Pernambuco, 1840-1910, tradução de João Maia , Rio de Janeiro, Paz e Terra, campinas, 1977. P. 6

É importante ressaltar que Itambé abrangia uma grande área como está supracitado. A maioria dos engenhos funcionava com tração animal, pois inexistia rios perenes e 80% dos engenhos ainda dependiam diretamente da tração animal.[6] A produção destes engenhos eram escoada através das tropas de mulas levando-as para o porto do Recife.

Os gastos com a produção eram enormes, pois exigiam uma quantidade de pessoas e animais para escoá-la. Com a construção da estrado de ferro Goiana-Itambé, o escoamento ficou mais ágil e os engenhos cresceram cerca de 50% na década de 1880, a empresa encarregado da construção da ferrovia foi a inglesa Great Western.[7]

Uma das discussões historiográficas na atualidade é a respeito da ação dos escravizados principalmente após a década de 80 do século XX, apoiados na perspectiva da história social da escravidão. Os historiadores deste período escreveram observando as ações e a perspectiva do escravizado e da liberdade no ponto de vista destes. Eles contrariam as ideias da escravidão harmoniosa de Gilberto Freyre e também discordam da perspectiva do escravo coisa da Escola de Sociologia Paulista. Fazendo uma pequena trajetória das ideias dos anos 30 ao 70 para entender esta ideologia. Nos anos 30 o sociólogo Gilberto Freyre escreve sobre a escravidão harmoniosa e a democracia racial tendo como destaque o livro “Casa Grande e Senzala” que é um marco desta ideologia, onde os senhores seria pessoas que tratavam bem os cativos e estes estavam convivendo harmoniosamente com eles, além do cruzamento de raças, que seria algo que causava satisfação de ambas as partes, porém na década de 60 e 70 com a Escola de Sociologia Paulista a escravidão começa a ser revista, onde são mostrados os escravos como coisa,

passivos diante da sua realidade, agiam apenas quando se revoltavam. Um dos expoentes desta ideologia do escravo-coisa foi o sociólogo Fernando Henrique Cardoso que escreveu o livro "Capitalismo e escravidão no Brasil Meridional" sobre isso, Chalhoub tenta esclarecer as ideias de FHC,

> A reificação do escravo produzia-se objetivas e subjetivamente. (...) F.H Cardoso se em penha em esmiúça-la. Ele explica que os escravos se autorrepresetavam como seres incapazes de ação autonômica, ou seja, os negros seriam incapazes de produzir valores e normas próprias que orientassem sua conduto social" (CHALHOUB, 2011 p. 44)

---

7 BRUSANTIN, Beatriz de Miranda, *Capitães e Mateus:* relações sociais e as culturas festivas e de luta dos trabalhadores do engenhos da mata norte de Pernambuco (comarca de Nazareth – 1870 – 1888, Tese de doutorado, Campinas, SP, 2011. P. 42)

Chalhoub, no entanto evidencia o papel dos escravizados como agentes da sua liberdade e mostra o cotidiano destes cativos. O autor tenta esclarecer como os escravizados viam a liberdade e mostra as diversas ações de liberdade impetrada pelos cativos.

" *A violência da escravidão não transformava os negros em seres incapazes de ação autonômica, nem em passivos receptadores de valores senhoriais e nem tampouco em rebeldes de valores e indomáveis"* (CHALHOUB,2011, p.49) Isto contrariando a ideologia da escravidão benigna de Gilberto Freyre e também indo contra o escravo coisa da Escola Paulista de Sociologia.

Os escravizados em Itambé não ficaram passivos diante das atitudes dos senhores, muitos deles fugiam, levando-os a terem prejuízos e gastarem com a contração do capitão do mato para ir à procura do escravo fujão. O mato era o local melhor de fuga, porém nem sempre existiam matas densamente fechadas, por isso a importância das redes de sociabilidade destes cativos.

Alguns cativos eram acoitados para se livrarem da perseguição dos senhores como por exemplo o caso da escrava Madilles do engenho lagos, em Itambé, esta tinha a idade entre 21 e 22 anos, ela veio para a cidade de Itambé casada com o escravo Joaquim, e foi acoitada por Francisco Lopes Machado, este afirma que quem trouxe a escrava foi Anália, filha do senhor da escrava Madilles, que a escrava veio com um bilhete e procuração, o senhor deu um prazo para entregar a escrava, porém o acoitador Francisco Lopes

Machado cobrou 40.00 mil reis para entregá-la, o senhor rejeitou e não pagou ficando sem a escrava. (Jornal do Recife, 27 de junho 1874).

Como indicou o historiador Marcus Carvalho que é um pesquisador de Pernambuco sobre a escravidão e o cotidiano dos cativos nesta região. Num artigo de 1998 ~~ele~~ diz que a contestação mais criativa dos escravos no Recife foi deixar-se acoitar ou roubar por alguém, mostrando a participação dos cativo no processo de conquista da liberdade. (CARVALHO, 1998).

Os escravos fujões eram procurados pelo seu senhor, e para isto eles colocavam nos jornais detalhes destes, para poderem serem identificados. Eles contratavam um capitão do mato e comunicavam as autoridades. Além das características físicas dos escravos fujões, os senhores identificavam alguns hábitos, como: vestir e falar. Segue um exemplo de um anúncio de fuga publicado no jornal

> Ausentou-se do engenho Lages freguesia de Itambé, com destina a esta praça, o escravo Caetano, de idade entre 17 e 18 anos, cor parda já bocando, olhos grandes, nariz afilhado, boca pequena, cabelos carapinhados e tem panos brancos pelo pescoço, sinal bem característicos. [...] (Jornal de Pernambuco, 4 de abril de 1872 (*Grifo nosso)*

No livro Liberdade: Rotinas e Rupturas do escravismo no Recife Marcus Carvalhos esclarecer que:

> Para facilitar o reconhecimento do fugitivo, portanto, era preciso ir além da descrição visual do sujeito. Só a riqueza de informações poderia tornar uma pessoa inconfundível. Por essa razão sempre que possível, os anunciante apresentavam detalhes sobre o comportamento cotidiano dos cativos. Nos anúncios mais elaborados, não era apenas a aparência do escravo que era apresentada, mas a sua pessoa como um todos, como seus hábitos, maneiras de falar, vestir, andar e até seus cacoetes e vícios, putativos ou reais. (CARVALHO, 2010, p.259)

Os escravizados estavam constantemente em luta para conquistar sua liberdade, a tão sonhada carta de alforria, que era o desejo de todo cativo. Eles utilizavam de diversas estratégias para chegar a este objetivo. Quando não conquistavam sua liberdade eles tentavam viver no ambiente dos engenhos o menos sofrido possível, por isso tentavam negociar com o seu senhor para conquistar alguns direitos que existia no costume do engenho, que não estava no lei, mas que tornou-se lei costumeira, em que os escravizados lutavam para permanecer, principalmente os dias de descanso.[8] Quando os escravizados

viam-se pressionados pelo seu senhor para cumprir ordens que não foram acordadas, eles utilizavam da fuga.).

Em Itambé houveram várias ações de liberdade impetradas pelos cativos contra o seus senhores, para conseguir um melhor resultado muitos deles usavam da estratégia de se casarem com mulheres livre, facilitando, portanto, as ações para poderem liberta-se pelo fundo de emancipação. Além disso podiam ter algumas vantagens casados, como diz Slenes "enfim, há razões de sobra para acreditar que o escravo, quando pensava em casar-se, podia ter a esperança de melhora sua vida de vária maneiras" (SLENES, 2011, p. 192)

---

8 "Os conflitos ocorriam com mais frequência quando o senhores ou feitores tentavam extorquir mais trabalho dos cativos em períodos costumeiramente dedicados ao descanso".(FRAGA FILHO, 2006, p. 46

Um exemplo encontrado no arquivo do Memorial da Justiça de Pernambuco é a ação do escravizado Luiz, sendo o seu senhor José Pedro Tavares de Moura, proprietário do engenho Recanto, este era morador da vila de Pedras de Fogo comarca de Itambé, casado com Izabel Inácia da Conceição, mulher livre, eles possuem cinco filhos. Luiz recorreu à justiça pela sua liberdade[9].

O fundo de emancipação preferia os homens casados e com filhos para pagarem por sua alforria. Há uma discussão sobre a importância deste para a libertação dos cativos, pois alegam que não teve grande utilidade, entretanto, em Itambé podemos observar a importância deste fundo para proporcionar a libertação dos cativos. Luís supracitado, com 49 anos de idade ainda era jovem e estava em atividade, e foi um desse liberto pelo fundo, mas em um período em que os abolicionistas estavam constantemente criticando a situação dos escravizados e pedindo providência ao Monarca foi importante a utilização deste fundo de emancipação. Os proprietários estavam apreensivos com a situação e com medo de perderem o seu investimento, com isso preferiam nesta situação o pagamento da alforria pelo fundo de emancipação. [10]Este fundo foi criado com a lei de 1871 também conhecida como lei do Ventre Livre ou lei Rio Branco, embora que alguns historiadores afirmem que esta lei foi ineficiente, entretanto muitos escravizados utilizaram desta para conseguirem sua liberdade, pois a lei dava o direito também de acumularem pecúlio para comprar sua alforria. No artigo 3º inciso 1º diz como se compõe fundo de emancipação. Primeiro a taxa de escravos, segundo dos impostos gerais dobre transmissão de

propriedade dos escravos, terceiros do produto de seis loterias anuais, quarto dos multa, das quotas que sejam marcada no orçamento geral e pôr fim a sexta de subscrições, doações e legados com esse destino.[11]

---

9 Memorial da Justiça, ação de liberdade, 1877, caixa 1575

10 ver SANTANA NETO, José Pereira de, *A alforria nos termos e limites da lei: o fundo de emancipação na Bahia(1871-1888)* Salvador, 2012 (dissertação de mestrado)

11 BRANDÃO, Sylvana, *Ventre livre, mãe escrava: a reforma social de 1871 em Pernambuco*, 3ª ed. Ver, Recife, Ed. Universitária da UFPE, 2011. P. 170

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente artigo, foi evidenciada a situação dos escravizados na cidade de Itambé-PE entre os anos de 1871 e 1888, bem como a luta dos cativos para conseguirem sua almejada alforria por meio de estratégias com o intuito de realizar este feito. Fato é que a história destes cativos é pouco conhecida devido à ausência de pesquisas mais específicas sobre o tema em apreço.

Com este trabalho de caráter mais informativo, tentamos evidenciar esta história trazendo mais informações ao público interessado nessa temática, retratando, inclusive, o cotidiano dos escravizados e mostrando a dura realidade de fugas, bem como o uso de táticas dos cativos para conseguirem uma melhora na sua condição de vida enquanto cativos.

É relevante destacar como a população pobre atuou diante das revoltas que aconteciam dentro e fora do seu território. Por isso, houve o surgimento do movimento dos Quebra-Quilos, onde a população pobre foi incisiva, embora os poderes elitizados tentassem acabar com este, porém, a força do povo superou os poderes dominantes.

Neste trabalho, também foram consultados os Arquivos Públicos de Pernambuco a procura das Ações de Liberdade dos cativos de Itambé no período supracitado. O

Memorial de Justiça de Pernambuco foi importante para nossa pesquisa uma vez que nos possibilitou conhecer um pouco mais do cotidiano dos escravizados e verificarmos que muitos negros foram libertos por meio de um fundo de emancipação, sendo o mesmo de suma importância neste conturbado período da história da Mata Norte de Pernambuco.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Sylvana, *Ventre livre, mãe escrava:* a reforma social de 1871 em Pernambuco, 3ª ed. Ver, Recife, Ed. Universitária da UFPE, 2011. P. 170

BRUSANTIN, Beatriz de Miranda, *Capitães e Mateus:* relações sociais e as culturas festivas e de luta dos trabalhadores do engenhos da mata norte de Pernambuco (comarca de Nazareth – 1870 – 1888, Tese de doutorado, Campinas, SP, 2011

CARVALHO, Marcus J.M. de. *Liberdade:* Rotinas e Rupturas do escravismo no Recife, 1822-1850, 2ª ed., Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.

_____Rumores e rebeliões: estratégias de resistência escrava no Recife, 1817-1848, tempo, vol. 3 nº 6, dezembro de 1998.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1. Arte de fazer, 13. Ed tradução de Ephraim Ferreira Alves, Petrópolis RJ: vozes, 2007.

CHALHOUB, Sidney. *Visões da Liberdade*: uma história das últimas décadas da escravidão na corte, São Paulo: Companhia das letras, 2011.

EISENBERG, Peter L. *Modernização sem mudança*: a indústria açucareira em Pernambuco, 1840-1910, tradução de João Maia, Rio de Janeiro, Paz e Terra, campinas, 1977

FRAGA FILHO, Walter. *Encruzilhadas da Liberdade*: histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910), Campinas, SP, Editora UNICAMP, 2006.

CAVALCANTI, Maria Helena Pereira (et al), *Uma História de Pedras de Fogo*, João Pessoa, Editora Universitária/UFPB, 1993

SANTANA NETO, José Pereira de, *A alforria nos termos e limites da lei:* o fundo de emancipação na Bahia(1871-1888*)* Salvador, 2012 (dissertação de mestrado)

SANTOS, Roque João dos, *Memórias de Itambé,* Olinda, livro rápido, 2016.

SOUTO MAIOR, Armando. *Quebra-quilos:* Lutas Sociais no outono do Império, São Paulo, Brasiliana, 1978